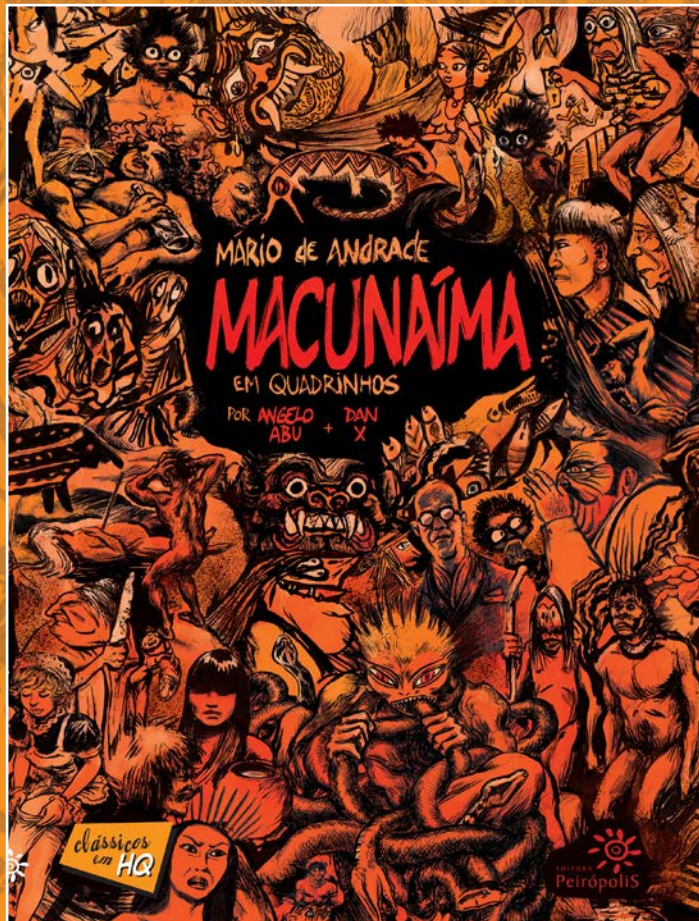


PNLD 2018
LITERÁRIO



MANUAL DO PROFESSOR


EDITORA
Peirópolis

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

- 3 MACUNAÍMA, COM M DE MÁRIO
- 4 MÁRIO, COM M DE MACUNAÍMA

PARTE I – AUTOR E OBRA

- 5 UM POUCO SOBRE A TRAJETÓRIA DE MÁRIO DE ANDRADE
- 5 OBRAS PUBLICADAS
- 6 MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA
- 7 SOBRE “MACUNAÍMA”
- 9 O BRASIL EM MACUNAÍMA
- 9 O BRASIL NA ÉPOCA DE MACUNAÍMA

PARTE II – ORIENTAÇÕES PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

- 10 PROPOSTA DE ATIVIDADE EM SALA DE AULA

PARTE III – ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

- 11 ORIENTAÇÕES GERAIS
- 12 REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

BIBLIOGRAFIA

- 14 BIBLIOGRAFIA





APRESENTAÇÃO

MACUNAÍMA, COM M DE MÁRIO

Seria por artes do destino ou brincadeira de Ci, lá no céu, que Macunaíma começasse com M de Mário (de Andrade), que começa com M de Modernismo? Papagaio não contou e isso não vamos saber. Sabemos, mesmo, é que a produção de Mário de Andrade rendeu desvarios e provocações que sacudiram a cultura brasileira.

Macunaíma foi escrito em uma semana, em dezembro de 1926 e lançado em 1928. Prevendo o espanto que seu herói causaria, Mário diz que o que escreveu “não é um romance, nem um poema, nem uma epopéia.” (...) “Diria antes, que é um “coquetel. Um sacolejado de quanta coisa há por aí.” E terminou por chamar o livro de ‘rapsódia’. E é mesmo! Como as rapsódias musicais, compostas por uma variedade de cantos populares, Macunaíma é construído em uma espécie de colagem feita com mitos, folclore, histórias de origens variadas, superstições, provérbios, frases feitas, neologismos, palavras em tupi e anedotas que sintetizam o caráter de nosso povo e nossa cultura. Nos moldes antropofágicos, o autor mastiga e mistura as mais variadas referências culturais para refletir sobre a realidade brasileira.

Macunaíma nasceu à margem do Uraricoera, na Floresta Amazônica. Suas façanhas acontecem fora do espaço e do tempo. Por isso, os itinerários assombrosos e os saltos com avanços e recuos temporais, que subvertem a verossimilhança e levam o herói da selva à pauliceia desvairada. E mesmo que o leitor tenha adotado o mote de Macunaíma – **AI! QUE PREGUIÇA!** – não há como não se sentir enredado por sua história e instigado a desbravá-la.

Ângelo Abu e Dan X tomam o Macunaíma em suas mãos e reapresentam em quadrinhos o mundo imaginado por Mário de Andrade, respeitando a essência da obra original. No posfácio, contam como fizeram semelhante proeza, em um maikinhófi irreverente que, certamente, faria Mário dar boas risadas.

MÁRIO, COM M DE MACUNAÍMA

“Na rua Aurora eu nasci”. Pois, como diz em seu poema, foi em uma casa nessa rua de São Paulo que Mário de Andrade nasceu, em outubro de 1993.

E, como a São Paulo desvairada que ele tanto amava, Mário trabalhou desvairadamente. Formou-se em música; aos 24 anos lançou seu primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*, seguido de *Pauliceia desvairada*; participou ativamente da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Escreveu poesia, romance, conto, crônica, ensaio e muitas cartas a amigos como Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Manuel Bandeira e Henriqueta Lisboa. Fez “viagens etnográficas” pelo Brasil e pesquisou o nosso folclore, que conhecia como ninguém. Embrenhou-se no cipoal da vida pública, labutando pela cultura. Quebrou tabus, chocou críticos e leitores com seus livros e suas posições a respeito de política, arte e literatura. Em 1928, publicou *Macunaíma*, sua obra mais importante.

MÁRIO DE ANDRADE morreu em fevereiro de 1945, na mesma casa da rua Lopes Chaves que ele povoou com obras de arte e na mesma São Paulo que ele tanto amou.



ANGELO ABU nasceu nos rasantes do cerrado urbano das terras-piá de Belo Horizonte, zungu de muitas gentes. Desde a meninice gostava de moquear ideias e desenhar tudo que imaginava pela frente. Nunca foi de criar rogado, sempre gostou foi de zanzar bem pelas terras de ninguém, virando todas as histórias que campeava no caminho em palavra desenhada. Quando botou corpo num homem feito principiou angariando o sustento, cambiando desenho por vintém. Quando viu, já estava trabucando pra cidade macota de São Paulo, inventando desenhos pra máquina revista, máquina livro, máquina jornal, todas essas sabatiras.

Cismado de não conseguir virar Macunaíma, a máquina-livro, neste gibi encarnado, Abu procurou seu compadre Dan, que faz de tudo um pouco sem nenhum afã, pro obséquio de acudir. Desde que se entendeu como gente, **DAN X** labutou nos mais variados ofícios, sem nunca se prender a nenhum deles. Se especializou em generalidades, mas se especializou como ninguém. Com o tempo foi se tornando tantas gentes que um dia, sem saber mais como ia ser chamado, inventou que além do Dan que sempre foi, ele seria só X.



PARTE I – AUTOR E OBRA

UM POUCO SOBRE A TRAJETÓRIA DE MÁRIO DE ANDRADE

Mário de Andrade, nasceu em 1893, em São Paulo. Poeta e musicista, publicou *Pauliceia Desvairada* em 1920, o primeiro livro a usar sistematicamente o verso livre no Brasil. O movimento de renovação das artes no Brasil e libertação do espírito acadêmico, movimento que culminou com a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, teve em *Pauliceia Desvairada*, publicada em 1922, um dos principais gritos de combate. Como artista revolucionário, principiou sistematicamente a usar nos seus livros a língua *brasileira*, libertando o estilo literário do Brasil das regras gramaticais da língua de Portugal. Como musicista, dirigiu-se francamente para as pesquisas da nacionalização da música brasileira. Dedicou-se à crítica e às pesquisas folclóricas, principalmente musicais. Foi diretor do Departamento de Cultura de São Paulo (1935-38). Iniciou cursos de Etnografia e folclore e fundou a Sociedade de Etnografia e Folclore, da qual foi presidente. Criou a Discoteca Pública Municipal de São Paulo. Foi catedrático de História da Música no Conservatório de São Paulo. Sob sua gestão, o Departamento de Cultura realizou um 1º Congresso da Língua Nacional, que fixou a pronúncia padrão a ser usada no teatro dramático e no canto, no Brasil. Foi autor do anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Educação. Em 1938, regeu na Universidade do Distrito Federal a cadeira de História e Filosofia da Arte, assim como dirigiu o Instituto de Artes da mesma universidade. Membro da Academia Paulista de Letras. Mário de Andrade publicou 20 obras, abrangendo o romance, o conto, a poesia, a estética, o folclore, a música e as artes plásticas. Como jornalista, colaborou em diversos jornais de São Paulo, do Rio de Janeiro e de outros Estados. Por sua iniciativa se construíram em São Paulo as primeiras Casas de Cultura proletária, cuja organização técnica lhe pertence.



OBRAS PUBLICADAS:

Há uma gota de sangue em cada poema (1917) – poesia
Pauliceia Desvairada (1922) – poesia
A escrava que não é Isaura (1925) – poética
Losango cáqui (1926) – lirismo
Primeiro andar (1926) – contos
Amar, verbo intransitivo (1927) – idílio
Clã do jabuti (1927) – poesia
Macunaíma (1928) – rapsódia
Compêndio de História da Música (1929)
Modinhas imperiais (1930) – crítica e antologia
Remate de males (1930) – poesia
Belazarte (1934) – contos
O Aleijadinho e Álvares de Azevedo (1934) – ensaios
A música e canção populares no Brasil (1936) – ensaios
Samba rural paulista (1937) – folclore
Namoros com a medicina (1938) – folclore
A expressão musical nos Estados Unidos (1940) – crítica
Música do Brasil, história e folclore (1941)
A nau catarineta (1941) – folclore, poesia
Os filhos da Candinha (1943) – crônicas



MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

Voltemos no tempo, à cidade de São Paulo dos anos 20. Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, sob o apadrinhamento do romancista pré-modernista Graça Aranha, alguns jovens poetas, escritores, artistas plásticos e músicos apresentaram um manifesto contra a arte conservadora e a literatura parnasiana e a favor de uma arte, literatura e música modernas, consoantes ao tempo em que viviam e as ideias de vanguarda, tão em voga na Europa pós-guerra.

Realizada no saguão do Teatro Municipal de São Paulo, a “Semana de 22” – como passou a ser chamada – foi aberta com a conferência *A emoção estética na arte*, de Graça Aranha, que criticava o conservadorismo e o academismo da arte brasileira. A seguir, foram lidos poemas de Oswald de Andrade e Manoel Bandeira, entre outros. Manoel Bandeira, que não pôde comparecer, teve seu poema *Os Sapos* lido por Ronald de Carvalho, sob um coro de coaxos e apupos. Nas escadarias do teatro, Mário de Andrade leu *A Escrava que não é Isaura*, ensaio que dá ideia do que seja a arte da Pauliceia desvairada. E confessa logo de início – “Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que o meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi”. Essa é uma das ideias mais ousadas, defendidas no *Prefácio Interessantíssimo*, e se constituirá numa das preocupações estéticas dos modernistas.

Obras de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret e outros artistas plásticos e arquitetos foram expostas na ocasião, sendo o quadro “O homem amarelo”, de Anita Malfatti, duramente criticado pelo escritor Monteiro Lobato, que se mostrou extremamente conservador em seu comentário. Foram comuns as incoerências nos posicionamentos de muitos artistas frente ao movimento. Por fim, apresentaram-se a pianista Guiomar Novaes e o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos, que não foi poupado em vaias.

Foi a semana de 22, com seus desdobramentos, ou seja, os Manifestos Pau-Brasil (1924-25), Verde-amarelismo (1916-29), Movimento regionalista (1925-30) e Antropofagia (1928-29), que projetaram Mário de Andrade como figura-chave do movimento modernista. Com determinação própria dos líderes que visam implantar uma nova consciência, ele multiplicou-se em músico, pesquisador, crítico de todas as artes e correspondente cultural, além de ter ocupado cargos na burocracia estatal, ligados ao desenvolvimento da cultura em geral, uma vez que foi responsável pela criação do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. Portanto, não foi à toa que ele mesmo disse a seu respeito: “Sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta”.



SOBRE “MACUNAÍMA”

Ambos os manifestos Pau-Brasil e Manifesto Antropofágico estão presentes em diversos aspectos da obra maior de Mário de Andrade (1893-1945), *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, publicada em 1928. Essa obra é fruto de uma longa vivência e pesquisa do autor sobre a etnografia brasileira. Ele viajou Brasil afora e foi recolhendo histórias folclóricas, músicas e cantigas de diversas etnias indígenas e afro-brasileiras. Suas viagens ficaram conhecidas como Missão de Pesquisas Folclóricas (1938). Muitas dessas pesquisas fazem parte de uma grande exposição feita com esse material no MAM-SP. Grande parte do material foi doado ao IEB (Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo) e resultou em pesquisas e posteriores publicações e mostras.

Mário de Andrade contava que escreveu *Macunaíma* em apenas seis dias, deitado, bem à maneira de seu herói, numa rede na Chácara de Sapucaia, na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, durante umas férias. Disse ainda a respeito dessa façanha: “Gastei muito pouca invenção neste poema fácil de escrever (...). Este livro afinal não passa duma antologia do folclore brasileiro”.

A obra *Macunaíma* é fruto de anos de pesquisa das lendas e dos mitos indígenas e folclóricos que o autor reúne, utilizando a linguagem popular de várias regiões do Brasil. Trata-se de uma **rapsódia**. Este termo foi usado pelos gregos para designar obras como a *Íliada* ou a *Odisseia*, de Homero, que continham séculos de narrativas poéticas orais e resumiam as tradições folclóricas de todo um povo.

Mário de Andrade se inspirou na obra *Vom Roraima zum Orinoco* (*Do Roraima ao Orinoco*), do etnólogo naturalista alemão Theodor Koch-Grünberg, publicada em cinco volumes entre 1916 e 1924. Graças ao trabalho de Ivan Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma*, é possível acompanhar como Mário de Andrade foi reelaborando as narrativas colhidas na obra de Koch-Grünberg, mesclando-a com outras fontes, como livros de Capistrano de Abreu, Couto Magalhães, Pereira da Costa ou mesmo os relatos orais, como o que o compositor Pixinguinha lhe fez de uma cerimônia de macumba, para ir tecendo a sua rapsódia.



Para Mário de Andrade musicólogo, a palavra rapsódia remetia às fantasias instrumentais que utilizavam temas e processos de composição improvisada, tirados de cantos tradicionais ou populares, como as rapsódias húngaras de Liszt.

Quanto aos elementos da estrutura narrativa da obra, vale citar algumas considerações sobre a personagem Macunaíma feitas por Haroldo de Campos. Ele aponta que o herói é dotado de poderes de criação e transformação, um nutridor por excelência, ao mesmo tempo em que é malicioso e perverso, fazendo dele um personagem ambíguo.

Campos aponta que a palavra *MAKU* significa “mau” e o sufixo *IMA*, “grande”. Assim, Macunaíma significaria “O grande mau”, um nome, segundo observa Grünberg, “que calha perfeitamente com o caráter intrigante e funesto do herói”.



Portanto, por mais estranho que pareça ao leitor, de forma paradoxal e antropofágica, Mário de Andrade encontrou a essência do brasileiro. Em prefácio que Andrade nunca chegou a publicar em livro, ele nos diz:

O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora, depois de pelejar muito verifiquei uma coisa que me parece certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim, porém a minha conclusão é uma novidade para mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior, no sentimento, na língua, na História, na andadura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria, perigo iminente, ou consciência de séculos tenham auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter. Brasileiro não. Está que nem o rapaz de vinte anos: a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais, mas ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma. (...) Pois quando matutava nessas coisas topei com Macunaíma no alemão Koch-Grünberg. E Macunaíma é um herói surpreendentemente sem caráter.

Um dado curioso da obra é que Mário de Andrade inventou alguns mitos, de maneira irônica. Apresenta os mitos de criação do futebol, do truco, do gesto da “banana” ou do termo “Vá tomar banho!”. Há em Macunaíma, portanto, além da imensa pesquisa do autor, muita invenção.

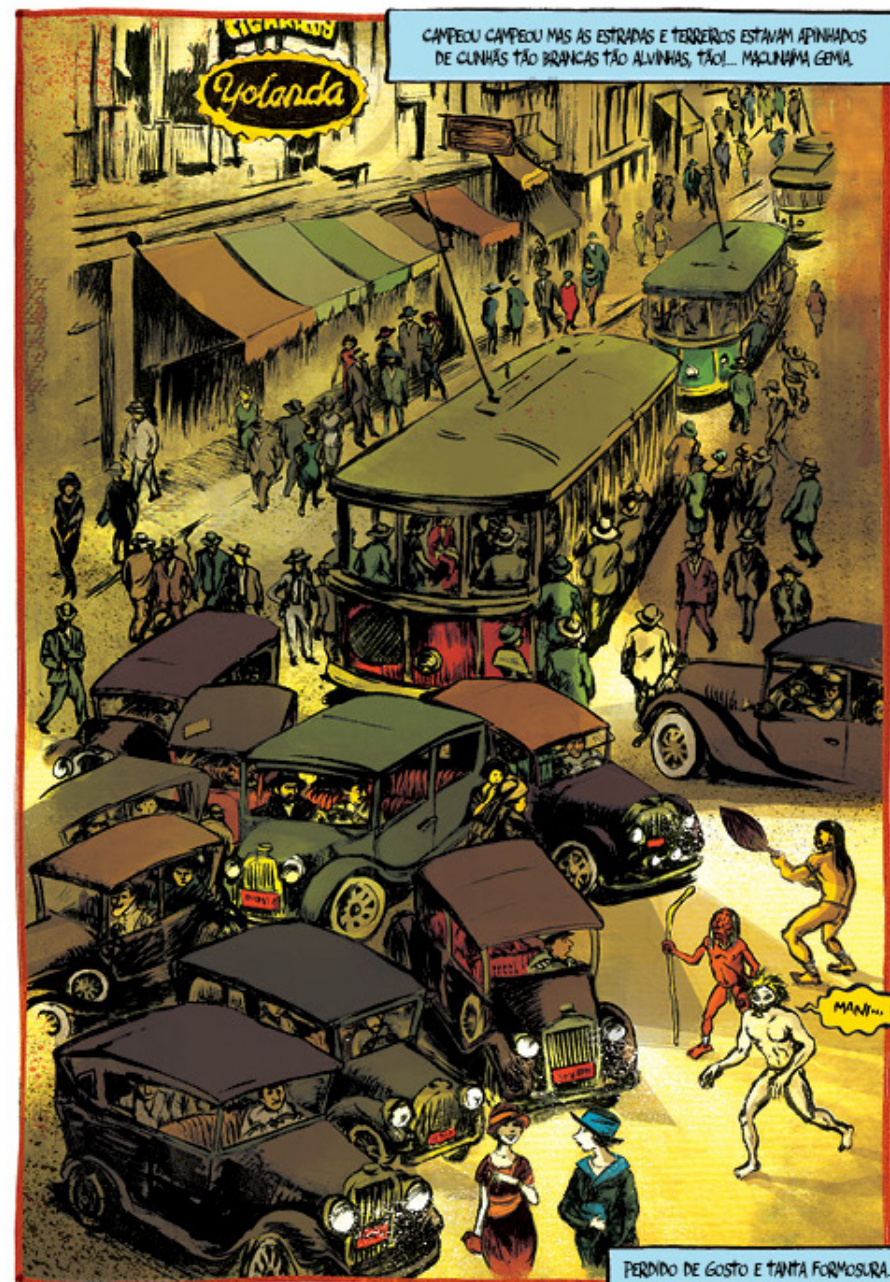
Outro aspecto curioso da obra é que o herói do presente entra em contato com figuras do passado, estabelecendo-se um curioso “diálogo com os mortos”. Macunaíma fala com João Ramalho (século XVI), com os holandeses (século XVII), com o pintor francês naturalista Hercule Florence (século XIX) e com Delmiro Gouveia (século XIX) – pioneiro da usina elétrica de Paulo Afonso e industrial nordestino que criou a primeira fábrica nacional de linhas de costura.

O BRASIL EM MACUNAÍMA

Outro aspecto da obra que merece atenção são as enumerações e desregionalizações. As enumerações mostram o trabalho de pesquisa de Mário de Andrade, frequentemente misturando elementos de várias regiões do país, que com isso pretende desregionalizar sua obra, procurando “conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea – conceito étnico nacional e geográfico.” A pesquisadora Telê Ancona Lopes é quem aponta esse aspecto na obra de Andrade, dizendo que essas enumerações dizem respeito à nossa biodiversidade porque aponta para nomes variados de aves, peixes, insetos ou frutas. Desse modo o escritor cria o ritmo da embolada, alternando sílabas longas e breves, no trecho em que se inserem. Ritmo procurado inclusive, porque o autor não usa vírgulas. Portanto, uma boa estratégia para se divertir e entrar no ritmo de leitura dessa obra em quadrinhos é deixar-se levar pelas enumerações e as imagens que fornecem essa desregionalização, sem se importar com o significado das palavras, uma vez que muitos dos termos são de origem indígena e só podem ser encontrados nas edições de Macunaíma com glossários no final, como a que apontamos na bibliografia (glossário de Dilea Zanotto Manfio).

O BRASIL NA ÉPOCA DE MACUNAÍMA

Quando o livro foi publicado, no final da década de 20, a sociedade brasileira se mostrava bastante mudada. Já não tinha aquele ar de fazenda que respiramos por quatro séculos. O número de fábricas, especialmente em São Paulo, havia crescido, além dos grandes aglomerados urbanos com população equivalente a 1 milhão de habitantes. Comércio e indústria prosperavam rapidamente, impulsionados pelo mercado consumidor formado por moradores das cidades e por colonos de origem estrangeira. Na esteira dessas alterações, as mulheres também mudavam seu comportamento: fumavam, iam sozinhas ao cinema e usavam roupas que deixavam as pernas mais à mostra. Nesse momento histórico surgiu o Partido Comunista e o movimento tenentista, que se opunham ao governo federal, oposição que teve seu clímax com a criação, por revolucionários paulistas, da Coluna Prestes – movimento que percorreu 33 mil quilômetros do interior do Brasil, se envolvendo em mais de cem combates entre 1924 e 1927.



PARTE II – ORIENTAÇÕES PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Este álbum apresenta muitas possibilidades de trabalho em sala de aula. A começar, a discutir o que é o clássico.

Como ponto de partida para a leitura dos clássicos em quadrinhos na disciplina de literatura, é interessante que o professor possa buscar com os alunos sua definição do que é um texto clássico e desvendar, assim, como eles enxergam a tradição literária, quais as motivações ou desmotivações de cada um para ler os clássicos, dentre outras descobertas.

O professor pode compartilhar com a classe algumas das definições de Ítalo Calvino para o clássico e identificar nelas as motivações para sua leitura, como por exemplo: um clássico é aquele livro que nunca cessou de dizer aquilo que tem a dizer; toda releitura de um clássico é uma releitura etc.

Um clássico é um modelo? Eu tenho que gostar do clássico? Quem decide o que é clássico? Os clássicos dependem do tempo para se tornar clássicos? O que faz do clássico um clássico?



Na mesma linha, o professor pode aproveitar para **discutir questões como originalidade e autoria**. Afinal, a obra literária clássica tem a capacidade de falar a sucessivas gerações e é bem provável que tenha tido inúmeras releituras ao longo do tempo, possibilitando também discutir a relação entre a obra e seus leitores ao longo dos séculos. Pode ser interessante fazer notar aos jovens que o artista contemporâneo que se propõe a quadrinizar uma obra clássica está, de certa forma, ganhando notoriedade ao inscrever-se no rol dos autores que criam novas representações da obra para serem usufruídas por sua geração, possibilitando a renovação de seu sentido.

PROPOSTA DE ATIVIDADE EM SALA DE AULA:

Leiam a obra em quadrinhos individualmente. Voltem para a classe, escrevam sobre suas primeiras impressões e, se quiserem, enviem para o blog do Ângelo Abu.

Depois de lida a obra, será momento de **criar em grupos de quatro alunos uma redação conjunta** que insira os elementos do cotidiano deles na vida de Macunaíma para que percebam como funciona a Antropofagia na prática. A história pode conter um diálogo entre Macunaíma de hoje com os artistas do passado, brincar com enumerações de palavras orais e divertidas. A rapsódia pode se transformar em um rap feito por cada grupo (grupos de quatro alunos). É possível também que se faça um mito de criação a partir de um hábito ou expressão de uso cotidiano (Ex: Vá tomar banho, Andei brisando etc.)

Peça que passem a redação para o grupo do lado, que lerá a redação e fará um desenho de uma imagem marcante que lhes vier à mente após a leitura da redação do colega.



ASSISTA AQUI ao vídeo com ANGELO ABU e DAN X para o professor

PARTE III – ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Esta quadrinização oferece a possibilidade de mergulhar nas referências visuais do modernismo. Busque identificar com os alunos, na obra em quadrinhos imagens que remetam a traços, estilo ou cores de Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Carybé e seu “Nascimento de Macunaíma”, além de Picasso, Escher, e à arte popular, entre muitos outros. Use para isso o guia que está na próxima página. Aproveite também para soltar sua criatividade na busca de outras referências intertextuais.

Levante com os alunos as parlendas, cantigas, **MITOS E LENDAS INDÍGENAS BRASILEIRAS**.

Ouçá com os alunos a **MÚSICA** Txai de Milton Nascimento e as músicas de Marlui Miranda (cds do Sesc).

Passa o **VÍDEO SOBRE O MODERNISMO** realizado pelo Itaú Cultural.

Distribua entre os alunos os **MANIFESTOS DO MODERNISMO** e peça que alguns o leiam em voz alta. Pesquisem as obras dos artistas modernistas – Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret. Façam sua própria semana modernista.

PESQUISEM na internet e recolham os **POEMAS MODERNISTAS** preferidos (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Raul Bopp). Tragam para a sala e leiam os poemas e a partir da leitura criem novos poemas.

OUÇAM algumas bachianas de Heitor Villa Lobos e músicas do CD Passarim de Antonio Carlos Jobim e escrevam uma prosa poética sobre uma ave, flor, fruto ou árvore brasileira. Pensam no ritmo da vida de hoje e façam um poema que insira esses elementos nesse ritmo e apresentem entre vocês gravando no celular.



TRABALHO INTERTEXTUAL COM A ÁREA DE GEOGRAFIA – procure perceber como Macunaíma transita pelo território brasileiro, encurtando distâncias geográficas e culturais de forma a proporcionar ao leitor uma visão simultânea de várias épocas, lugares e costumes do país. Esta costura é uma das principais características da rapsódia a que se propõe Mário de Andrade.

TRABALHO INTERTEXTUAL COM A ÁREA DE HISTÓRIA – levante a história de Roraima, povos que colonizaram a região, como está a região hoje, que potenciais foram desenvolvidos, quanto de emigração e imigração esses povos passaram e passam ainda. Como se dá as relações entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana Inglesa.

ATIVIDADE FINAL – de posse de toda essa vivência, é hora de escrever um novo mito de Macunaíma – no estilo a jornada do herói de Wladimir Propp. Na situação inicial, o herói sentindo-se fraco, recebe uma missão, encontra na sua jornada seres e objetos mágicos que o ajudam a atingir seu objetivo. De posse do objetivo, após ter ultrapassado três obstáculos de diversos quilates (injustiça, uma tarefa difícil, a ajuda de um ser mágico como Ceicu) ele finalmente chega à plenitude de seu ser e cumpre sua jornada. O livro de Campos também trata dessa questão sobre o ponto de vista da obra Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.

PARA QUE O PROFESSOR POSSA AJUDAR SEUS ALUNOS A IDENTIFICA-LAS, OFERECEMOS A SEGUIR UM GUIA:

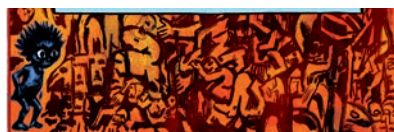
P1-Q2 – Carybé –
“Nascimento de Macunaíma”. (1980)



P2-Q5 – Anita Malfatti –
“O Homem de Sete Cores”. (1915-1916)



P3-Q4 – Esculturas de GTO.



P4-Q1 –
Albert Eckhout –
“Dança dos índios Tapuias”. (1641)
+ Jean Baptiste Debret,
“Dança de selvagens
da Missão de S. José”. (1834)



P13-Q7 –
Vicente do Rego Monteiro –
“Mulher Sentada”. (c. 1924)



P20-Q3 –
Tarsila do Amaral –
“Batizado de Macunaíma”. (1956)



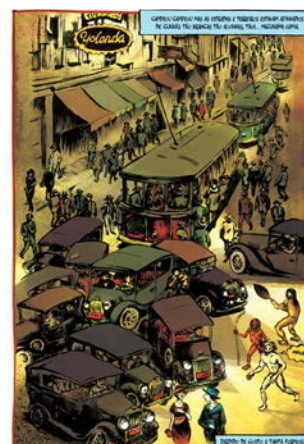
P25-Q1 –
M. C. Escher – “Plane filling I”. (1951)



P30-Q2 – M. C. Escher –
“Regular Division of the Plane with Birds”.
(1949)



P30-Q4 – Publicidade sabonete Arêgos.
(anos 20)



**P32-Q3 –
Di Cavalcanti –
“Bordel”. (1930)**



**P32-Q5 –
Revista Klaxon. (1922)**



**P33 –
Futurismo, Nicolaj Diulgheroff, “L’uomo
razionale”. (1928)**



P37-Q1 – Arte Inca.



**P44-Q2 –
Carrancas do Rio S. Francisco.**



**P44-Q4 – Tarsila do Amaral –
“Antropofagia”. (1929)**

**P44-Q5 – Tarsila do Amaral –
“A Negra”. (1923)**

**P48-Q8 – Tarsila do Amaral –
“O Abaporu”. (1928)**

**P48-Q3 – Miró –
“Personajes en la Noche”. (1940)**



**P54-Q2 – Pablo Picasso –
“Le Reservoir Horta de Ebro”. (1909)**



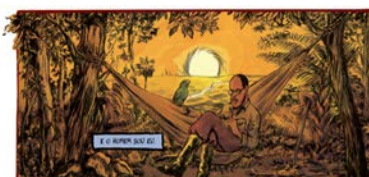
**P55-Q6 – Di Cavalcanti –
“Cartaz Semana de Arte Moderna”. (1922)**



P60-Q5 – Fotografia de Pierrer Verger.



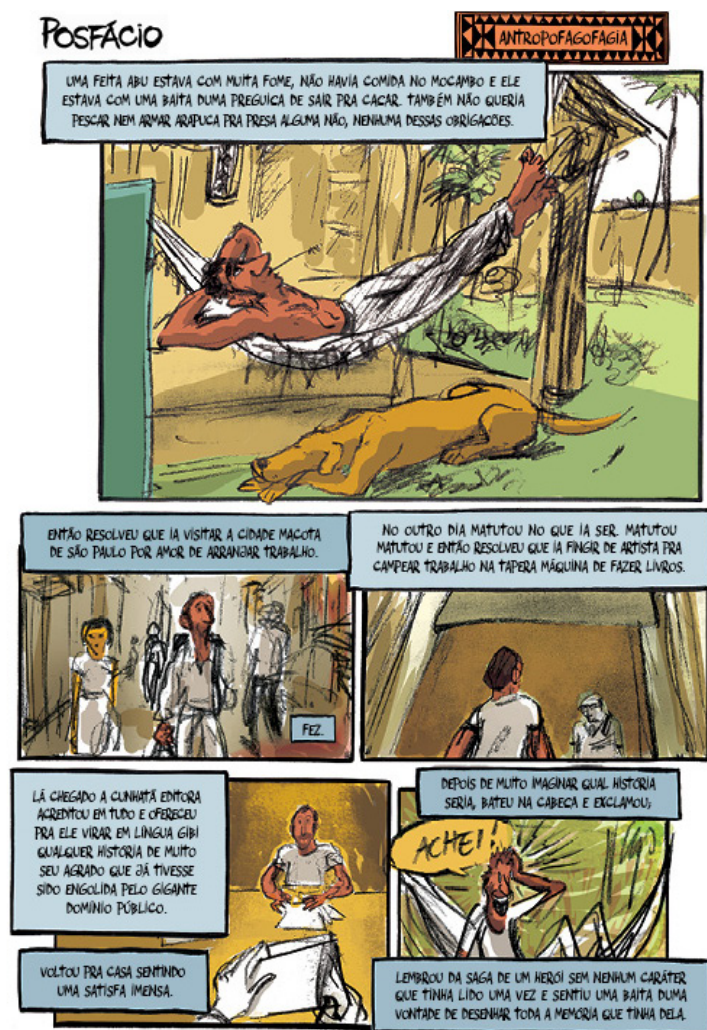
**P65-Q5 – Lasar Segal –
“Mário na rede”. (1930)**



>>EXPLORE OS BASTIDORES DA PRODUÇÃO DA HQ

Esta foi a primeira quadrinização da obra de Mário de Andrade publicada no Brasil, em 16 de janeiro de 2016.

No final do álbum, os artistas narram em quadrinhos o processo de canibalizar a obra de Mário de Andrade, no posfácio intitulado Antropofagia.



BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Aracy. *Artes plásticas na semana de 22*. São Paulo: Perspectiva, 1970. (Debates, 22)

ANDRADE, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Estabelecimento do texto Telê Ancona Lopez; Tatiana Longo Figueiredo, ilustrações Luiz Zerbini. Glossário de termos indígenas Diléa Zanotto Manfio. 1ª. Edição. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1967 (Estudos, 19).

MACUNAÍMA. Direção e roteiro: Joaquim Pedro de Andrade. Brasil. Videofilmes, 1969. Atores: Grande Otelo, Paulo José, Dina Sfat. 1 DVD (108 min), cor.

MACUNAÍMA. Direção: Antunes Filho. Companhia Paulista de Teatro (CTC), 1978.

MÁRIO DE ANDRADE. *RAM - Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, nº 206, dez. 2015. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/publicacoes/index.php?p=8312%22>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PROPP, Wladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Editora Vega, 1978.

VIAJANDO PELO MODERNISMO – ASPECTOS DA CULTURA BRASILEIRA. Vídeo (5:02 min). Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br/aspectos-da-cultura-brasileira-viajando-pelo-modernismo>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Este manual é parte integrante da inscrição da Editora Peirópolis no PNLD Literário 2018.
É permitida a reprodução desde que citada a fonte:

Macunaíma em quadrinhos, Manual do professor. São Paulo, Editora Peirópolis, 2018.

Escreva para professor@editorapeiropolis.com.br
e acesse o site www.editorapeiropolis.com.br/pnld2018/macunaimaemquadrinhos para assistir ao audiovisual com os autores.



A gente publica o que gosta de ler: livros que transformam.

